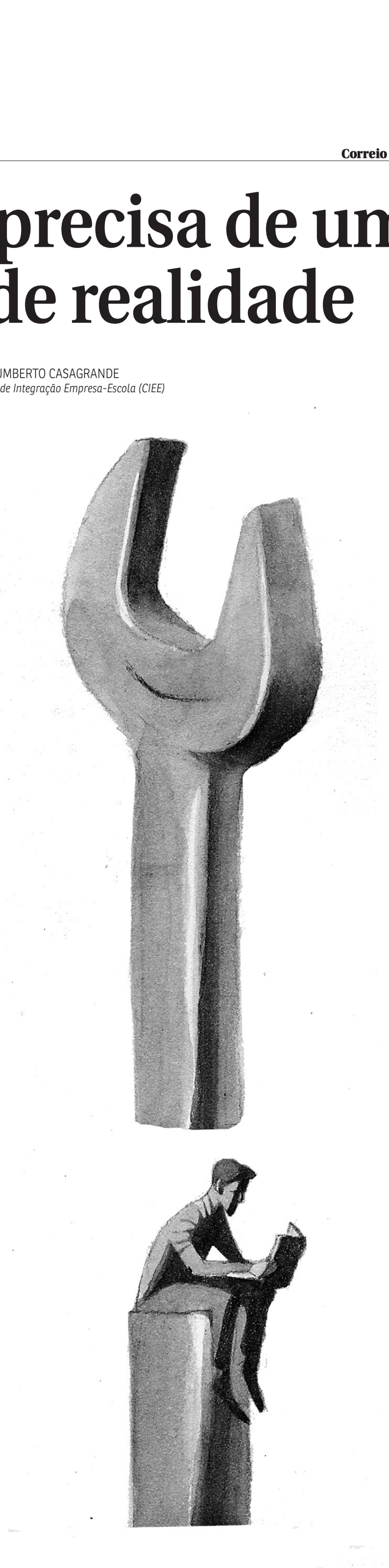
Educação precisa de um choque de realidade

» HUMBERTO CASAGRANDE
CEO do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE)



O papel da educação na inclusão dos jovens no mercado de trabalho é tema de debate há anos nos mais variados fóruns de discussão sobre o futuro do país. No entanto, tem sido de pouca utilidade prática por vários motivos, entre os quais se destaca a falta de reconhecimento da realidade brasileira.

Ouvem-se propostas sobre o tema que tomam como exemplo o que é feito em países como Alemanha, Reino Unido, Áustria. Partindo desses modelos, não surpreende que os resultados do debate tenham sido infrutíferos. É evidente que exemplos de outros países devem sempre ser estudados e sejam tidos como lições importantes dessas estratégias. No entanto, não faz sentido tomá-los como base, uma vez que o Brasil convive com uma realidade diária totalmente diferente.

Não deveria ser esquecido, por exemplo, que a grande massa de jovens brasileiros precisa trabalhar e tomo como exemplo prático uma recente pesquisa do Centro de Integração Empresa-Escola - CIEE, apresentada em maio deste ano. O levantamento, que ouviu mais de 10 mil estagiários de todo o país, apontou que 69% ajudam no sustento da família e 11% são os únicos responsáveis pelas despesas de casa.

Para apenas 4% dos estudantes ouvidos o valor é fundamentalmente investido em cursos extracurriculares. Enquanto na grande maioria dos casos esse recurso é de suma importância para pagar a conta de luz e compra de alimentos.

Ignorar esse cenário exaustivamente comprovado é condenar ao fracasso as propostas de melhorias na educação. O ponto de partida deveria ser: a educação precisa abraçar o trabalho. E como fazê-lo? Adotando um sistema em que o jovem do ensino médio estude no contraturno e esse período de trabalho valeria como currículo escolar. Dessa forma, ele continuaria a ajudar a família e seria mais uma alternativa para lidar com a crescente evasão escolar, pois, nesse modelo, o estudante perderia o emprego em caso de abandono dos estudos.

Seria um ponto de partida importante para acabar com o atual descolamento entre o dia a dia dos jovens e aquilo que é teorizado em torno da educação. Vale destacar que o trabalho dos teóricos também é válido. Entretanto, não pode ter base em uma realidade que está distante da brasileira e das mazelas enfrentadas por jovens e adolescentes em situação de vulnerabilidade.

Tenhamos como exemplo o caso do excesso de itinerários que têm sido propostos por muitos e que são muitas vezes incorporados a políticas públicas. As escolas, na maioria dos casos, não têm condição alguma de cumprir tais sugestões. Em um exercício de empatia, vamos imaginar a realidade dos profissionais que trabalham em escolas pequenas da rede pública, em regiões afastadas dos grandes centros urbanos e com orçamento calculado. Como defender, para esses profissionais, sem o básico de infraestrutura, que agora será necessário prover cinco opções de cursos extracurriculares. Quem conhece a realidade sabe que as escolas não têm a mínima condição de adotar modelos como esse.

Há ainda estigmas que precisam ser superados. É o caso da matemática, à qual muitos estudantes alegam ter alergia. Essa resistência leva alguns a defenderem que a matéria seja ensinada para poucos e que não deve ser obrigatória aos que têm matematicafobia. É um erro crasso. Atualmente, a maioria dos empregos com alta demanda, no mundo do trabalho, exige que se saiba matemática, que está diretamente ligada à tecnologia. Um médico, por exemplo, trabalha com equipamentos de tecnologia avançada e precisa saber fundamentos matemáticos para utilizar de maneira adequada essas máquinas.

Por fim, é necessário que as pessoas que falam e estudam a educação conheçam o Brasil real. Falta um choque de realidade para que as propostas se transformem em medidas efetivas para a melhoria da educação. Sem isso, o país estará condenado a infindáveis debates sem resultados práticos sobre um tema de tamanha importância.

É possível erradicar a fome?

» ISABELA MENDES
Analista de ações sociais do Instituto Conecta Brasil

Alcançar o objetivo proposto pela Organização das Nações Unidas (ONU) para acabar com a fome e garantir a segurança alimentar a todas as pessoas do planeta tem se tornado cada vez mais difícil. O chamado ODS 2, que foi definido em 2015 e prevê ainda a melhoria da nutrição e o desenvolvimento da agricultura sustentável, tem a ambiciosa — porém necessária — pretensão de ser cumprido até 2030.

O problema é que, em vez de avançarmos para atingir essas metas, estamos regredindo, conforme apontam estudos recentes da ONU. Um deles é o *Relatório Mundial sobre Crises Alimentares*, divulgado no último mês, que indica que 258 milhões de pessoas em 58 países sofreram de insegurança alimentar em 2022, sendo o número mais alto registrado em toda a série histórica.

As explicações para esse crescimento são várias e vão desde consequências da pandemia de covid-19 e intensificação de mudanças climáticas até conflitos entre países, como o da Rússia com a Ucrânia, que era a maior fornecedora de fertilizantes do mundo antes da guerra. Esse é um grande exemplo de como um conflito que, à primeira vista pode parecer distante da nossa realidade, na verdade, causa impactos em todo o planeta.

O recente relatório da ONU também é alarmante quando tratamos de grupos vulneráveis, uma vez que mais de 35 milhões de crianças menores de cinco anos tiveram desnutrição aguda em 2022. É ainda mais preocupante constatar que, além de estarmos longe de alcançar o ODS 2, temos grandes dificuldades para cumprir os outros 16 objetivos propostos pela organização em 2015, como o ODS 1, cuja meta é a erradicação da pobreza em todas as suas formas.

No que diz respeito à fome, a questão não é apenas a carência de alimentos que parte da população sofre, mas também a má qualidade dos alimentos fornecidos. Além disso, é preciso termos em mente que há uma série de estágios que demonstram o acesso inadequado aos alimentos, englobando desde o nível mais crítico de privação de comida até a insegurança alimentar moderada.

Essa última definição indica a falta de acesso consistente e permanente aos alimentos, fazendo com que as pessoas atingidas tenham que reduzir a qualidade ou a quantidade dos gêneros alimentícios consumidos. A insegurança alimentar é um grave problema também no Brasil, como podemos observar por meio de outro estudo da ONU. Considerando a média entre 2019 e 2021, 61,3 milhões de brasileiros sofreram de níveis moderados ou graves de insegurança alimentar.

Diante disso, esbarramos num ponto bastante delicado, o de que uma cesta básica atende uma família de quatro pessoas por cerca de uma semana apenas, levando em consideração a quantidade média do consumo das famílias. É por essa razão que, dentre as campanhas de doação abertas a cada mês na plataforma Conecta Brasil, as cestas básicas costumam representar mais de 90% dos pedidos.

Enquanto organização da sociedade civil (OSC), o Conecta Brasil tem o objetivo de impulsionar a cultura de doação e a maioria das cerca de 500 instituições cadastradas no site buscam contribuir para cumprirmos as metas do ODS 2. É por meio de ações coletivas e individuais que teremos condições de reduzir a distância para a erradicação da fome e promover um desenvolvimento realmente sustentável.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // *circecunha.df@dabr.com.br*

Traduzindo com a tecla SAP

Em viagem que fez ao maior país da Ásia Oriental, no último mês de abril, o presidente da República firmou diversos acordos com a China Mídia Group CMG, entidade estatal controlada diretamente pela mão de ferro do líder do Partido Comunista Chinês, Xi Jinping. A emissora apresenta diuturnamente a liderança chinesa e seu partido único como uma espécie de "Timoneiros da Pátria", personagens essenciais para o país, enaltecendo suas ações e elogiando cada medida adotada, atuando assim como verdadeira fonte de lavagem cerebral para a população.

Nesse universo fake, todas as ações do governo são apresentadas ao público como medidas positivas visando salvá-los das garras do Ocidente maldoso. Para muitos chineses essa é a única realidade crível. A situação é tão surreal, que é difícil encontrar quem duvide do que é mostrado por essa mídia estatal. A propaganda do governo é onipresente e massiva. Do mesmo modo que apresentam um país e um governo onde tudo é fantasioso e cor de rosa, essa mídia também traz de fora para dentro as impressões da população acerca das ações do governo. Nesse caso também tudo é mostrado pelo lado positivo, sem críticas e sempre com muito otimismo.

Nos grandes centros urbanos daquele país, a infinidade de câmeras de vigilância espalhadas por todos os cantos mostra, em tempo real, como age a população no seu dia a dia. Tudo é absolutamente observado. Em resumo, o governo sabe exatamente como se comporta a população. Esta não tem a mínima ideia do que se passa nos bastidores do poder. É dessa espécie de *Show de Truman* que cuida a CMG.

Ao lado da costumeira repressão, a mídia estatal é, hoje, a principal arma ou estratégia que dispõe o governo para controlar o país e mantê-lo dentro das pretensões ideológicas e de poder do partido comunista. Foi em busca dessa parceria e da transferência desse tipo de tecnologia que o presidente brasileiro assinou acordos com a CMG. Essa é a TV estatal que o Partido dos Trabalhadores quer ver implementada aqui dentro, no mais curto espaço de tempo.

Suas razões são óbvias, embora seus reais propósitos sejam mantidos longe do conhecimento do público distraído. O que o governo chama de "troca e cooperação de conteúdos em prol do desenvolvimento econômico, social e sustentável dos dois países" pode ser resumido em controle total dos meios de comunicação com vistas a implantação iminente do socialismo no Brasil.

Não chega a ser surpresa que, na sequência, o próprio Partido dos Trabalhadores enviou há algumas semanas, tanto ao Ministério das Comunicações quanto ao secretário da área de comunicação do governo, um ofício, assinado pela presidente da legenda, pedindo a concessão de canais de rádio e de televisão, de modo a oportunizar "uma participação política para além do simples ato de votar, adotando-se uma verdadeira pedagogia de participação político-partidária". Em outras palavras o que vem com essa e outras medidas, como aquela assinada na China com a CMG é a "TV PT", a tevê que, por enquanto, ninguém vê, mas que, num futuro próximo, "não vê não pra você ver o que pode lhe acontecer".

» A frase que foi pronunciada

"Alguns estrangeiros de barriga cheia e sem nada para fazer começam a nos apontar o dedo. Primeiro, a China não exporta revolução; em segundo lugar, não exporta fome e pobreza; e terceiro, não mexe com você. Então, o que mais há para dizer?"

Xi Jinping

Quem faz

» Descendo a W3 Norte em direção à Ponte do Braguetto há um entroncamento batizado de "pista dos espertos". À direita quem vai para a ponte, à esquerda quem vai para o eixinho. Os motoristas sem educação pegam a pista da esquerda e depois fecham os carros para tomar a pista da ponte. Nada que um tachão reflexivo não resolva.

In$ano

» Quem achava um absurdo o preço da diária dos hotéis escolhidos pelo presidente não tem nem ideia do valor cobrado pela diária em uma UTI em hospital particular.

Cultura

» Foi um sucesso o concerto da orquestra sinfônica e violeiros no Clube dos Cantadores.

» História de Brasília

As residências de alvenaria que foram construídas contrariando normas de construção de Brasília continuam onde estão, e não houve, de parte da delegacia, nenhuma providência para coibir o abuso. (**Publicada em 21.03.1962**)